

**ORFEU BRASÍLICO (1736) E A RETÓRICA ARISTOTÉLICA:
O MUNDO ANTIGO
NO ATO ACADÊMICO JOSÉ DE ANCHIETA**

Cristina Mascarenhas da Silva (UNESP)

cris_mascarenhas07@hotmail.com

Thissiane Fioreto (UNESP)

A presente comunicação tem por objetivo discutir as manifestações dos preceitos da arte retórica de Aristóteles, no documento *Orfeu Brasílico* (1736), tendo como foco os três primeiros epigramas que abrem as linhas (*Linea Prima*, *Linea Secunda* e *Linea Tertia*) do opúsculo. Tais divisões pertencem a um “Appendix Poetica”, onde se encontram as produções dos alunos inacianos. Esse documento surgiu de um ato acadêmico para homenagear o Pe. José de Anchieta na ocasião de recebimento do título de Venerável. Inicialmente as composições foram fixadas nas paredes e posteriormente limadas pelo Pe. Francisco de Almeida, que também escreveu outras formas poemáticas e publicou em formato de livro em 1737. Este tipo de cerimônia era comum no contexto do Brasil Colônia, praticada dentro dos colégios jesuíticos e preconizada pelo documento norteador das práticas pedagógicas da ordem – o *Ratio Studiorum*. Dentre outras atividades, a *Ratio* ordenava os estudos das retóricas antigas, principalmente da aristotélica. Por isso, analisar o documento à luz da retórica aristotélica é fundamental para a compreensão do texto dentro de suas filiações filosóficas, literárias, históricas, como orientação da crítica histórico-literária. Por meio desse estudo, é possível verificar também que as associações feitas com o mundo greco-latino funcionam para elevar a figura de Anchieta no contexto do século XVIII.